

Identidade, memória e espaço na poesia de Zetho Cunha Gonçalves e de Paula Tavares

RESUMO: Neste estudo, pretende-se analisar os aspetos identitários e a sua relação com o espaço em duas obras literárias angolanas. A primeira, *Noite vertical* (2017), de Zetho Cunha Gonçalves, e a segunda, *Como veias finas na terra* (2020), de Paula Tavares. O escopo fulcral é destrinçar o dinamismo que entrelaça os processos identitários e os textos literários. Deste modo, pretende-se fazer um cotejo entre os dois escritores. Por uma questão de delimitação metodológica, foram retirados quatro poemas de cada obra literária, tendo-se, deste modo, um *corpus* de oito poemas.

PALAVRAS-CHAVE: espaço; identidade; Zetho Cunha Gonçalves; Paula Tavares.

ABSTRACT: This study intends to analyze the aspects of identity and its relationship with space in two Angolan literary works. The first is *Noite vertical* (2017) by Zetho Cunha Gonçalves, and the second, *Como veias finas na terra* (2020) by Paula Tavares. The central scope is to unravel the dynamism that intertwines identity processes and literary texts. In this way, it is intended to make a comparison between the two writers. As a matter of methodological delimitation, four poems were chosen from each literary work, thus having a corpus of eight poems.

KEYWORDS: space; identity; Zetho Cunha Gonçalves; Paula Tavares.

1. Introdução

Antes de tudo, é fundamental apresentar os vocábulos dinamizadores do propósito deste trabalho: espaço e identidade. Assim sendo, tudo o que se tiver de destacar em relação aos poemas em análise estará, quase sempre, em torno deles. Mas não se assume, aqui, a responsabilidade de atribuir-lhes significados precisos. De ambos, destacar-se-ão os aspetos preliminares que servirão de base para, por um lado, desenvolver uma abordagem teórica preliminar e, por outro lado, analisar o *corpus*.

Na primeira parte deste ensaio, tenciona-se abordar os conceitos de identidade (a sua pluralidade), bem como do espaço (a referencialização) como um elemento fundamental na construção de aspetos identitários. Outro objetivo importante é avaliar a posição e a contribuição de Paula Tavares e Zetho Cunha Gonçalves na poesia angolana contemporânea. Por último, pretende-se ainda analisar e explicar os processos de formação identitária, presentes nos poemas de Zetho Cunha Gonçalves e de Paula Tavares, por meio de uma dialética hermenêutica.

2. Identidade e espaço

É indubitável que, no Ocidente, a identidade tem sido investigada em diferentes perspetivas; na Filosofia, vide Habermas (1988); na Psicologia, vide Costa (2005); na Sociologia, vide Giddens (2002) e Bauman (2005). Estes estudiosos apresentam uma “distinção entre as identidades flexíveis, ‘líquidas’ da contemporaneidade, e as fixas, ‘inegociáveis’ do passado” (Fortes 2013, 30), bem como a sua relação com a memória. Não há uma designação autónoma de identidade no âmbito poético, ainda que, particularmente no domínio das literaturas africanas de língua portuguesa, existam princípios definidores, ou seja, procedimentos que orientem a análise literária, visando os fenómenos identitários. Por isso, a identidade tornou-se num conceito fundamental para a compreensão do fenómeno literário, pois entende-se aqui “a literatura como expressão de uma experiência do escritor através do enunciado de uma série de símbolos capazes de evocar na mente do leitor adequadamente qualificado uma experiência controlada, análoga à, embora não idêntica, à do escritor” (Moisés 2013, 278).

Apesar da relevância da experiência social e temporal do/a escritor/a, não se deixa de lado os outros fatores importantes. O processo da construção literária, em muitas ocasiões, tende a ser fortemente influenciado pelos pressupostos identitários. Assim sendo, deve-se reconhecer que a literatura, como um sistema aberto, permite a construção e reconstrução da identidade através da memória. Para Assmann, “[a] memória é o conhecimento com um índice de identidade” (2016, 122). Logo, a literatura está para a memória tal como a memória está para a literatura. O índice de identidade serve, até certo ponto, de matéria-prima para a construção do discurso literário; particularmente, em espaços onde se tenciona apresentar uma visão particular e geral da ideia de nação, ainda que imaginada. Os aspetos identitários são elementos importantes para a construção do discurso literário.

O que se pode entender por identidade? As conceptualizações são, muitas vezes, problemáticas e variam conforme o contexto em que se inserem. Os discursos variam, quando se trata de realidades sociais, históricas, culturais, antropológicas e outras, que são elementos constituintes dos processos identitários. Não se pode fugir do pressuposto que a identidade implica, por um lado, uma construção e, por outro, um processo de manutenção, isto é, um conjunto de padrões que impõem determinados comportamentos. Por esta razão, Castells (2007, 31) afirma que identidade é o “processo de construção de significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qua(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Geralmente, dois pontos de vista surgem quando se trata de pensar a identidade. Em primeiro lugar, o pressuposto da individualidade e, em segundo, o da coletividade. Neste último, percebe-se o sentimento de afiliação e de lealdade de um indivíduo a um grupo (Sen 2007, 54). No discurso literário, ambos os pressupostos são agenciados e, por isso, é importante tê-los em conta no decorrer deste ensaio. Assim, o objetivo aqui é o conteúdo e a estética dos poemas, de modo que o discurso poético seja o ponto de partida e de chegada para a compreensão dos pressupostos identitários em Paula Tavares e Zetho Cunha Gonçalves.

A aceção de identidade no domínio literário busca os seus pressupostos a partir das contribuições de outras áreas do saber, tais como Sociologia, Estudos Culturais, Psicologia, Antropologia, Linguística, Direito e outras. No âmbito das Humanidades, o conceito de identidade foi, até certo tempo, marginalizado. Foi apenas em 1990 que o termo conheceu uma irrupção repentina e massiva, época em que o conceito passou a ser utilizado para designar vários fenómenos (Dortier 2006, 267), tais como o meio de reivindicação ou até a referenciação a uma pertença nacional, pessoal, comunitária.

No plano da enunciação e da produção poética, apreendem-se, ainda que em pequenas dimensões, as características identitárias do sujeito ou dos sujeitos que formulam e dão corpo ao universo poético, permitindo sempre virtualidades identificadoras (Reis 2018, 200), ou seja, particularidades que visem o reconhecimento e a manifestação de procedimentos identitários, particularmente em certas personagens, no âmbito da ficção. Em função da estética e do projeto discursivo de cada escritor/a, pode-se notar uma maior ou menor predominância de determinadas virtualidades identificadoras. Entendidos enquanto o processo que permite a quem escreve reconhecer-se como sujeito, os aspetos identitários acabam por configurar um meio importante da construção do signo poético (Bosi 2000, 21).

A identidade é um processo que, direta ou indiretamente, supõe uma construção existencial, à medida que espelha o que fomos, aquilo que afirmarmos ser e o que poderemos, talvez, vir a ser. Isso fica evidente à medida que olhamos para a conceção de identidade social proposta por Appiah:

usamos a identidade para construir a nossa vida; nós a construímos como homens e como mulheres, como ganenses e como brasileiros, como cristãos e como judeus; nós a construímos como filósofos e como romancistas, como pais e como filhas. As identidades são um recurso essencial neste sentido [...]. Sustento que as identidades estão entre as mais importantes ferramentas socialmente mantidas e transmitidas para construir uma vida. (Appiah 2012, 23-24)

Sendo um processo que exige construção, a identidade, primeiro, exige uma afirmação, como, por exemplo, por meio de rótulos; em segundo lugar, a identidade projeta criações normativas na medida em que indica como os sujeitos que pertencem a um determinado grupo (tendo recebido um determinado rótulo) devem se comportar, reagir e atuar. Apesar de seu caráter normativo, a identidade é composta também por particularidades subjetivas, ou seja, a maneira como cada sujeito pensa, encara e aceita as identidades, como afirma Appiah (2012).

As práticas identitárias influenciam a criação da memória cultural e social, pois o passado continua em sintonia com o presente numa relação dialógica (Hall 2006). Embora exista uma memória coletiva, cada indivíduo, atendendo à sua experiência e sensibilidade, movido também por factos que considera importantes, cria uma memória individual. Isso ocorre por “via de coisas que servem de recordação, tais como monumentos, museus, bibliotecas, arquivos, e outras instituições mnemónicas” (Assmann 2016, 119). Ao analisar o *corpus* delimitado, pode-se inferir que as recordações, dispositivos da memória, servem como elementos fundamentais que facultam a criação do discurso literário. A secção a seguir apresenta um esquema que ilustra estas relações entre memória, discurso poético, espaço e identidade. Os traços identitários não se separaram de uma categoria importante, o espaço, devido à sua justaposição interior e exterior ao sujeito. Há uma relação intrínseca entre sujeito e espaço. Não nos interessa fazer muitas conceções já conhecidas sobre o espaço, exceto duas. Primeiro, evocamos a conceção filosófica, tendo em conta o seu caráter fenomenológico; segundo, a literária, ao prestar atenção como o discurso poético se serve

da componente espacial. Na particularidade literária, o poema enquanto espacialização vale-se da referencialidade no tocante ao espaço exterior, bem como o espaço construído ou evocado pelo poema (Moisés 1977, 73).

Ao observar o caráter fenomenológico do espaço, deve-se levar em conta que o sujeito é também um *ser-espacial* diante de uma linha e de um ponto específico (Hegel 1969, 20), não obrigatoriamente fixos. É indubitável que essas particularidades, que marcam uma determinidade, servem para reger princípios que facultam a construção de traços identitários. Eis uma das intencionalidades do espaço.

Não há um limite preciso para a delimitação do espaço. Ele é um elemento contínuo, que se vai alargando devido a vários contextos. Neste sentido o tempo tem um papel fundamental, permitindo a materialização do movimento. O espaço determina a atuação do sujeito, porque ele “é, como pretendemos, um resultado da inseparabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos 2006, 65). Portanto, estes dois sistemas são, até certo ponto, responsáveis pelas atitudes dos sujeitos. Assim sendo, eis o facto de ver o espaço como um elemento gerador de sensibilidade, pois os sistemas exteriores influenciam o espaço interior do sujeito.

Geograficamente falando, o espaço é um elemento macro, que carece de uma visão micro, ou seja, de um elemento mais específico que melhor o defina. Para se evitar contradições, é necessário um elemento menor, o lugar. Este é a *individualidade espacial*. É por este meio que se identifica o *agora espacial* (Hegel 1969, 26). Deste modo, que espaços e lugares são identificados nos poemas delimitados? Como o sujeito poético se posiciona diante deles? Ademais, com que intenção se faz as referências espaciais nos poemas? Trataremos disso no ponto 3. Contudo, deve-se frisar que a identidade não é um elemento independente. Ela precisa de associar-se a certos constituintes para que tenha uma significação.

3. Esquema funcional

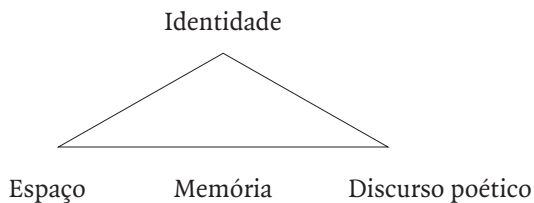


Figura 1: Esquema da construção identitária.

Neste esquema visualiza-se a utilidade da análise da construção identitária dentro do espaço literário. Serve como ponto de partida para a significação dos textos. É importante referir a função que a memória desempenha na construção da identidade. No entanto, para este contexto, vê-se aqui a memória não apenas como um meio que serve de armazenamento de informações em ordem ou desordem, mas como um elemento do pensamento humano capaz de escolher certos elementos e descartar outros, a fim de encontrar pistas de reflexão e modos de apresentação de acontecimentos de um passado, presente ou futuro que se idealiza.

Por outro lado, pode-se entender a identidade como um processo multidimensional (Erikson 1980) que ocorre na medida em que o eu não interage apenas consigo mesmo. “Está implícito [nestas interações] um contexto social e as suas expectativas” (Costa 2005, 83). Destarte, a construção da identidade parece ser, simultaneamente, um princípio e um fim: um princípio, porque funciona como base para novos processos de assimilação; e acomodação, o que permite a construção de novas experiências; um fim, porque estrutura as experiências e vivências passadas no sentido da consolidação do eu (Costa 2005).

Uma particularidade que merece atenção, ligada também à questão de identidade, é o espaço, nomeadamente o social. Todo o escritor ou escritora fala a partir de “um lugar e de um tempo em particular, a partir de uma história e de uma cultura que são específicas” (Hall 2006, 22). Direta ou indiretamente, o discurso literário é dependente de um contexto. Geralmente, o escritor posiciona-se num determinado espaço e o seu discurso faz referências de algumas particularidades deste espaço. No domínio da poesia, é indubitável que:

sem palavras comuns não existe poema; sem palavra poética tampouco existe sociedade, Estado, Igreja ou comunidade alguma. A palavra poética é história em dois sentidos complementares, inseparáveis e contraditórios: no de constituir um produto social e no de ser uma condição prévia para a existência de toda a sociedade. (Paz 2001, 66)

Assim sendo, com toda a sistematização teórica da identidade, envolvendo a particularidade do espaço, a seguinte pergunta se coloca: é possível definir uma poética da identidade ou apresentar um tratado sobre a identidade poética? Muito caminho teria de ser desbravado para que se pudesse aclarar essa relação necessária entre literatura e identidade.

Vários aspetos identitários e referências espaciais podem ser reconhecidos nas obras *Noite vertical*, de Zetho Cunha Gonçalves, e *Como veias finas na terra*, de Paula Tavares, comentadas a seguir sob a perspetiva teórica aqui proposta.

4. Duas vozes da literatura angolana: Zetho Cunha Gonçalves e Paula Tavares

Zetho Cunha Gonçalves nasceu na província do Huambo em 1960. Viveu seis meses em casa dos avós maternos, de onde teve a sua primeira memória. Assume-se como poeta: “[a]quilo que as pessoas ditas normais não têm – e eu tenho – é algum talento para escrever poemas” (Wieser 2024a, 27). No seu caso concreto, escrever sobre as vivências da guerra foi um processo particularmente difícil e demorado: “escrevi alguns poemas que saíram publicados na *Noite vertical*, que são violentíssimos, e dois contos que estão numa antologia, ou melhor, em várias antologias da União dos Escritores Angolanos e depois foram traduzidas, inclusivamente na Alemanha” (Wieser 2024a, 28).

Tendo crescido num meio ligado à cultura oral angolana, o poeta tem um genuíno interesse pela literatura de tradição oral. Contudo, o que o motivou a abraçar o ofício de escritor? Primeiro, foi a rádio, quando ouviu o locutor Adolfo Maria a declamar um poema. A seguir, surgiu nele o desejo de ser poeta: “Quando crescer, eu vou ser poeta. O impacto daquele poema em mim foi um despertar mais ativo da minha identidade, da minha terra, porque a gente pertence só a um lugar”. Deixa clara a sua angolanidade e permite que os seus versos reflitam Angola: “sou angolano, não sou outra coisa. Na minha poesia, [...] Angola está lá. Mesmo quando aparentemente não está, é Angola que lá está” (Wieser 2024a, 37).

Paula Tavares nasceu no sul de Angola, em 1952, numa região chamada Huíla: “Nasci nessa pequena aldeia, junto a comunidades pastoris, os Nyaneka, que falam uma língua bantu, língua na qual eu não fui iniciada [...]. Desde muito criança fui viver com os padrinhos portugueses” (Wieser 2024b, 12). Paula Tavares identifica-se como angolana e reconhece a carga da angolanidade que está presente no seu discurso literário. Por isso, afirma que “a angolanidade, assim como a minha identidade, foi um processo de construção. Não se nasce angolano. Nasce-se num local que depois se reivindica – ou não – como o seu local de pertença e de identidade” (Wieser 2024b, 16-17).

A questão da identidade é um assunto importante para a poeta. É algo que influencia o seu trabalho poético. Isso fica evidente quando ela diz que “só

consigo escrever quando me relaciono – como dizia Ruy Duarte de Carvalho – com uma alma angolana, com um *corpus* identitário, um *corpus* de referentes que têm a ver com Angola. Sou angolana, sou do sul, sou do sul de Angola, que não é a mesma coisa do que ser angolana em geral, e é com todos esses referentes que me identifico” (Wieser 2024b, 17).

Tal como Zetho Cunha Gonçalves, Paula Tavares começou a pensar no processo da escrita apenas depois da independência de Angola: “A passagem à divulgação e à exposição foi um processo que segue a independência nacional. O caderninho então publicado, *Ritos de passagem* (1985), provocou algumas inquietações, não em mim. Eu não fiquei nada preocupada, porque achei que aquilo era o fim dum ciclo: escrever, publicar e deixar” (Wieser 2024b, 21).

O que o autor e a autora cresceram, ou em que medida renovaram e revolucionaram o domínio poético angolano? O vocábulo “autor tem como étimo a raiz do verbo aumentar, que, neste sentido, denota o avançar de um passo à série artística de que o autor contemporâneo sob a análise é a provisória secção terminal” (Feijó 2020, 15). Zetho Cunha Gonçalves e Paula Tavares ocupam posições importantes no cânone da literatura angolana. Com os trabalhos que têm publicado, permitem o enriquecimento do campo literário angolano. Contudo, é difícil delimitar de forma precisa a geração a que pertencem. Quanto a este assunto, Zetho Cunha Gonçalves questiona-se: “A minha geração qual é? É a dos grandes poetas, dos que são para mim grandes poetas. É essa a minha geração e, portanto, é temporal, porque toda a poesia é temporal” (Wieser 2024a, 39).

É indubitável que Paula Tavares e Zetho Cunha Gonçalves, segundo a estética de cada um, renovaram a instituição poética da literatura angolana. Com o espírito da angolanidade, rebuscam a literatura de tradição oral e, além disso, deixam bem evidente o espaço social e cultural a que pertencem. Ambos são escritores em trânsito. Vivem em Portugal, mas, emocionalmente, estão sempre entre Angola e Portugal. Portanto, é nestes dois espaços que se encontram as suas obras e a maior parte dos leitores.

Não somos os pioneiros a estudar a produção literária destes dois escritores angolanos. Há diferentes estudos que analisam as suas obras em várias perspectivas. Não pretendemos apresentar uma lista demasiado longa dos estudos realizados, mas destacar alguns deles para fazer um breve cotejo com o tema que nos propusemos a analisar.

Ao analisar a importância do papel da literatura de tradição oral para a construção do romance angolano, o professor e ensaísta português Francisco Topa,

que muito se dedica ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa, fala do contributo de Zetho Cunha Gonçalves. Topa refere, por exemplo, que a obra *Rios sem margens* (2013) recria, em português e a partir de recolhas de textos orais, formas tradicionais como os provérbios (Topa 2016, 360). Muitas obras de Zetho Cunha Gonçalves são catalogadas como literatura infantil e têm merecido estudos e reflexões importantes. Neste âmbito, destacam-se, pelo menos, dois trabalhos: o de Silva (2022), que apresenta a resenha da obra *A caçada real*, publicada em 2011¹. De forma criativa, Zetho Cunha Gonçalves constrói um texto que tem uma pegada de humor e aborda a superstição num mundo metafórico em que os bichos mandam. Além disso, aponta importantes reflexões sobre as questões relacionadas com o poder, a política, a ambição e o autoritarismo numa linguagem poética (Silva 2022, 47). Na mesma senda, Eliane Debus (2013), ao estudar a literatura infantil angolana, delimita duas obras de Zetho Cunha Gonçalves: *Debaixo do arco-íris não passa ninguém* (2006) e *A vassoura do ar encantado* (2012).

Em quantidade ainda mais alargada, os estudos dedicados às obras literárias de Paula Tavares incluem várias dissertações e teses. Portanto, seria uma atividade árdua enumerar os trabalhos já realizados sobre a produção literária desta escritora angolana. De uma forma específica, Carmen Secco (2016) analisa as crónicas de Paula Tavares publicadas na página *Rede Angola*. A partir deste *corpus*, a investigadora examina como as metáforas de dores, medos, opressões, silêncios, violências, mas também de utopias, tradições e sonhos, referenciadas nas obras literárias, necessitam de ser criticamente repensadas. No âmbito estritamente académico, olhando para a representação, a importância e a filosofia do corpo, Larissa Souza (2015) trabalha com as crónicas de Paula Tavares em *A cabeça de Salomé*, publicada em 2004.

Ao olhar para estes e outros estudos, pode-se inferir que o escritor e a escritora contribuíram positivamente para o desenvolvimento da literatura angolana. O presente ensaio também assegura esse contributo. Diferentemente dos estudos apresentados, escolhemos alguns poemas das obras *Noite vertical*, de Zetho Cunha Gonçalves, e *Como veias finas na terra*, de Paula Tavares. Como referido, o objetivo é analisar os pressupostos identitários e a espacialização. Assim, busca-se destacar a maneira como o eu lírico, a partir da sua sensibilidade e memória, erige a sua identidade. Para isso, vale examinar atentamente as vozes presentes nos poemas, uma vez que “a poesia é a expressão do eu” (Moisés 1977, 50).

5. Identidades nos poemas de Zetho Cunha Gonçalves e Paula Tavares

O núcleo deste trabalho consiste em analisar os elementos identitários dos poemas de Paula Tavares e Zetho Cunha Gonçalves. Por isso, procurar-se-á, em alguns poemas, as diferentes perspetivas em que o conceito de identidade se enquadre de maneira específica.

Nos poemas de Zetho Cunha Gonçalves e de Paula Tavares, nota-se que o eu lírico destaca referências identitárias, entre elas, a construção do espaço que se dá por meio das palavras. Isto é, a organização de cada vocábulo no poema, o emprego linguístico e visual permitem identificar uma técnica de espacialização do eu. Trata-se de uma “quase-forma” de geografia poética que define o eu lírico como ser integrante de um espaço específico. Vejamos:

Zetho Cunha Gonçalves

Rio Cutato

Nenhum rio é como esse
o rosto magnificente da infância.
Suas quedas de água –
minha pátria inaugural
da Poesia.
– Leveza intuída do mundo.
[...]

E nenhum rio é como esse
o rosto magnificente da infância,
a pátria inaugural da Poesia.
(Gonçalves 2017, 25-26)

Paula Tavares

II

Vou pelos passos das crianças gritar
num sul mais novo. Se demorar espere
por mim. Aqui as crianças estão
escondidas e espreitam o dia
[...]
e vou
rumo ao sul no rasto delas.
Talvez entretanto no pátio dos olhos
tenha
Nascido a buganvília.
(Tavares 2020, 10)

No primeiro poema, há um fenómeno de representação muito específica: o rio Cutato como fonte de inspiração e de iniciação poética. Talvez seja por isto que, numa entrevista, Zetho Cunha Gonçalves afirma que “as solas dos meus pés não saíram nunca das quedas do rio Cutato” (Wieser 2024a, 31, meu itálico), facto que demonstra a ligação que o poeta tem com este espaço. A palavra “como”, encontrada no primeiro verso, pode ter duplo sentido: primeiro, essa conjunção comparativa distingue o valor de um local em relação aos demais; em segundo lugar, intensifica o sentido da importância afetiva, ou seja, do verdadeiro valor

do rio para o eu lírico. Logo, a escolha deste recurso exige uma delimitação espacial específica que serve de recurso para a construção identitária do sujeito poético. Essa estratégia não exige a formação precisa de uma geografia, mas faz do ambiente uma forma de projeção do sujeito, um mecanismo específico para realçar a sua identidade. Predomina no poema o verbo “ser”, verbo que assume um caráter importante no domínio comparativo e valorativo. Talvez seja esta a razão de o sujeito poético afirmar que o rio é “a pátria inaugural / da Poesia”. Um rio poeticamente singular e inigualável.

Já no poema de Paula Tavares, verifica-se o predomínio dos verbos de movimento, como é possível notar nestes versos: “vou pelos passos das crianças a gritar num sul mais / novo” (meu *itálico*). Manifesta-se a intenção do sujeito poético. Ficam registadas no poema três referências essenciais: “criança, sul e a buganvília”, bem como uma marcha aos gritos por um sul mais novo. Sente-se o desejo da inovação representada pelo sul. Parece que as coisas ou se perderam, estão a se perder, ou afirma-se a possibilidade de se querer algo novo; por isso, a intenção é um “sul mais novo”. Logo, há o desejo de se unir às outras crianças, demonstrando que é preciso uma coletividade. Precisa-se de um grupo coeso. Além disso, apresenta-se a forma como as crianças estão: escondidas a espreitar o dia. Esta situação não significa que elas valham menos. Pelo contrário, talvez seja dentro delas que se comecem novas essências, nasçam novos desejos e um sul renovado. Por isso, “[t]alvez entretanto no pátio dos olhos tenha / [n] ascido a buganvília”. Portanto, a identidade é também um processo consciente e em constante transformação. Esta ocorrência manifesta-se segundo diferentes espaços. Neste poema, o sul é identificado como o espaço ainda de refúgio e de recomeço: “vou pelos passos das crianças gritar num sul mais novo”. Eis a necessidade de o sujeito poético dirigir-se ao sul.

Em ambos os autores, os elementos da natureza têm uma presença significativa. Zetho Cunha Gonçalves apresenta insistentemente a imagem do rio, em diferentes perspectivas. Paula Tavares, por sua vez, apega-se às árvores e às cores das flores que estas apresentam. Fica patente um imaginário marcado por paisagens, por sítios decorados e construídos na consciência dos sujeitos poéticos. Nesse sentido, é perceptível, nos poemas, uma sensação de intimidade e ligação com o espaço de pertença. Esses recursos acabam por dar cor, tom, ritmo e vida aos poemas de Zetho Cunha Gonçalves e de Paula Tavares. Em todo o caso, são, sem dúvidas, marcas de identificação dos sujeitos poéticos com as paisagens da sua respetiva infância.

O fenómeno da referencialização dá-se quando o sujeito poético, expressivamente, evoca o espaço exterior (o rio, as árvores e o sul, que se requer novo); objetos imagéticos guardados na memória. Pois os pressupostos da espacialização dos poemas não se materializam de forma vazia. É o que se verifica nos poemas que se seguem:

Zetho Cunha Gonçalves

A velha, antiga ponte

A velha,
antiga ponte²
ruiu,

arrastada
pelas chuvas loucas
de Dezembro.
[...]
atravessei pela primeira vez
o rio Cutato

– a caminho
da infância
e da casa de meus pais.

A velha,
antiga ponte
ruiu,

arrastada
pelas chuvas loucas
de Dezembro.
(Gonçalves 2017, 21)

Paula Tavares

III

Aqui algumas árvores cobriram-se de flores
para
impedir o choro e o canto das raízes.
O jacarandá invadiu devagarinho
as esquinas da cidade.
Ninguém
deu conta
mas uma luz azul tomou conta de tudo
durante uns tempos.
Doença assim é p'ra fazer gritar de
prazer.

(Tavares 2020, 11)

O primeiro poema deixa ver pelo menos dois elementos-chave: a ponte e o rio Cutato, responsáveis pela significação central do texto. O desmoronamento da ponte, provavelmente, impede a travessia do rio. O sujeito poético evoca a

memória da sua primeira travessia do rio, num momento em que a ponte ainda existiu. Ao analisar estes poemas, é notório que a referencialidade, em ambos, constitui um grau primário para a materialização poética. Disto serve também de exemplo a imagem do jacarandá presente nos versos de Paula Tavares. Verifica-se a personificação das árvores que ocorre através do uso do verbo “invadir”. Um recurso utilizado possivelmente para destacar o lugar e a importância emocional delas para o sujeito poético e estabelecer o convívio harmonioso entre árvores e as pessoas de um determinado lugar.

Ao acompanhar a movimentação das palavras nos poemas, fica evidente que a identidade dos sujeitos é construída por objetos externos e desejos, pensamentos e memórias pessoais internos.

Zetho Cunha Gonçalves

Mês da chuva grande

É dezembro,
mês da chuva grande.

Povoado de tortulhos
– quase despontam
na palma das mãos –,
a terra cheira
a madeira iluminada.

[...]

É dezembro,
mês da chuva grande
– tempo das noites
de sol sufocado nos relâmpagos,
arrepinando,
estremecendo a Terra
– revoada de trovões
e rugidos de leão,
ali tão próximo.

[...]

(Gonçalves 2017, 22-23)

Paula Tavares

A chuva

[...]

De onde eu venho a chuva usa uma voz
fininha para falar uma língua de sopros,
rente-ao-chão e faz crescer com a lava
dessa voz o mundo em volta. Os miúdos
aprendem cedo a conhecer os sons da
fala, a forma como muda na dobra do
vento. Bebem dela a ciência da sede
e esticam as asas sob a sua cortina
de pérolas.

(Tavares 2020, 30)

Nestes dois poemas, há que ressaltar a impressionabilidade que leva os sujeitos poéticos a tentarem descrever, ou até explicar, o prodígio da chuva e identificar-se com a memória da sensação que ela produz. Tal facto deixa evidente uma predominância das memórias de ocorrências climatéricas no espaço geográfico para o qual se projetam ambos os sujeitos líricos. Deste modo, verifica-se a possibilidade de enunciação poética a partir de uma geografia cultural e afetiva, que implica uma aprendizagem segundo um determinado sistema social, filosófico, artístico e, acima de tudo, religioso.

Todavia, a experiência do eu é fundamental, porque permite que os aspetos caracterológicos do que se vê e se sente sejam somas de processos mentais e estéticos diferentes. Isso é facilmente observado no discurso poético de Zetho Cunha Gonçalves. Nos seus poemas, uma voz lírica indica o tempo em que a chuva tende a ser mais intensa. Recorre-se ao poder da imagem e da linguagem poética:

é dezembro
 mês da chuva grande
 povoado de tortulhos
 – quase despontam
 na palma das mãos –,
 a terra cheira
 a madeira iluminada.
 (Gonçalves 2017, 22-23)

Ademais, esses versos apresentam o resultado e os efeitos da chuva intensa. Diferentemente, Paula Tavares descreve a chuva à medida que tenta referenciar como os sujeitos estreitam relações com ela e passam a conhecê-la. No entanto, ao ler os poemas, fica de todo evidente o domínio e o conhecimento dos fenómenos sociais e naturais de um determinado *habitat* que ambos os sujeitos poéticos conhecem, resultado de um processo de integração e interação espacial, temporal e grupal, que se torna um elemento fundamental na afirmação da pertença a este *habitat* e, conseqüentemente, da identidade dos sujeitos poéticos.

Outro elemento-chave que se verifica nos poemas é a relação entre mãe e filho. Apresenta-se a figura da mãe como metáfora de espera, de embalo, de acalento e de proteção. Os poemas que se seguem atestam essa representação da mãe:

Zetho Cunha Gonçalves

Os sonhos pedem cafuné

[...]

– Mãe,
sonhei tanto, tanto,
esta noite!...

– Meu filho,
deita aqui a tua cabeça,
porque meus
são os prodígios e os teus dias,
que crescem,
crescem,
a encantar os horizontes,
iluminando
a tua altura de menino.
Deita,
deita aqui a tua cabeça,
meu filho.
(Gonçalves 2017, 47-48)

Paula Tavares

Toda a tua vida

é um ciclo de espera
uma criança às costas
e uma em cada mão.
(Tavares 2020, 33)

O sentimento de identidade baseia-se nos processos de identificação e de experiência do eu, enquanto sujeito ativo e passivo. Justamente por isso, “a formação da identidade envolve a internalização de sentimentos relativos a figuras significativas e representações de relações experienciadas” (Costa 2005, 32). Nestes dois poemas, observa-se a presença da figura de um elemento protetor: a mãe. Embora esse nome esteja subentendido no poema de Paula Tavares, a figura materna é desenhada com as palavras e os sentidos que as mesmas oferecem. Além disso, por um significado tácito: a disposição física das crianças determina o papel materno e põe em cena uma crítica social subjacente a essa mulher “cercada” de filhos.

Entretanto, ambos os sujeitos partilham os paradigmas mínimos da identidade social, no caso de Paula Tavares, cujo poema acima não apresenta uma mãe que protege os filhos. As crianças representam a maternidade como restrição física e afetiva imposta às mulheres. Mas há um contraste: no poema de Zetho

Cunha Gonçalves, o sujeito poético projeta-se no papel da criança; no poema de Paula Tavares, o sujeito poético projeta-se no papel da mãe.

Chega-se a essa conclusão porque, quer num quer noutra poema, além da mãe e dos filhos, não se menciona nenhum outro sujeito. É importante reforçar que Zetho Cunha Gonçalves e Paula Tavares encenam dois imaginários diferentes para a maternidade: o autor constrói uma imagem que reforça a associação (machista) entre as mulheres e a função do cuidado; a autora, por sua vez, refuta esse papel e representa a maternidade como uma restrição, como uma condição limitante.

6. Considerações finais

Depois da análise dos poemas de Zetho Cunha Gonçalves e da Paula Tavares, nota-se o contributo que ambos dão à literatura angolana. Verifica-se, em seus poemas, uma ligação entre sujeito poético, espaço, sociedade e cultura, características essenciais na formação da identidade. Portanto, a cultura é vital para a construção da sociedade. Embora a cultura não seja um espaço ideologicamente neutro, é um ponto de partida, ou seja, o grau primário para a formação dos aspetos identitários.

Os aspetos identitários ampliam os sentidos nos textos literários. Permitem-nos uma visão mais abrangente do significado íntimo dos fatores sociais e culturais evocados nos poemas. Tal facto permite inferir que há uma forte recorrência dos aspetos extraliterários. Nesse sentido, é notória a contextualização do espaço onde brotam os versos. Por isso, predominam os nomes de rios, pontes, chuvas, árvores, flores; e, ademais, crianças e mulheres. Estes elementos evocam uma memória e destacam de forma clara os pressupostos identitários nos poemas dos dois autores.

Portanto, embora sejam escritores em trânsito, Zetho Cunha Gonçalves e Paula Tavares reivindicam as suas identidades contruídas em Angola durante a primeira parte da sua vida e procuram evidenciar a angolanidade nos seus discursos literários. Entretanto, o texto e o contexto permitem uma compreensão mais abrangente dos poemas destes escritores, pois esta perspetiva exterioriza a identidade pessoal e coletiva. Será que Zetho Cunha Gonçalves e Paula Tavares são pioneiros desta estética intimista? É provável que não. Outros escritores angolanos, principalmente os do grupo da *Revista Mensagem*³, já apresentavam essa particularidade intimista, ou seja, este desejo de evocar aspetos identitários, bem como as referências espaciais carregadas na memória como imagens.

NOTAS

1. Existe outra versão dessa obra publicada em Portugal, no ano de 2007, pela editora Bonecos Rebeldes.
2. Meu itálico. Entretanto, as palavras que aparecem nas tabelas realçadas em itálico são da minha responsabilidade. É a forma que se achou conveniente para destacar os aspetos mais pertinentes.
3. Cf. Hamilton (1975) e Laranjeira (1995, 70-75).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Appiah, Kwame Anthony. 2012. “Identidade como problema”. Em *Identities*, organização de Brasílio Sallum Jr, Lília Moritz Schwarcz, Diana Vidal e Afrânio Catani, 17-32. São Paulo: EDUSP.
- Assmann, Jan. 2016. “Memória comunicativa e memória cultural”. Em *Estudos de Memória. Teoria e Análise Cultural*, organização de Fernanda Mota Alves, Luísa Afonso Soares e Cristiana Vasconcelos Rodrigues, 117-28. Ribeirão, V.N. Famalicão: Húmus.
- Bauman, Zygmunt. 2005. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Bosi, Alfredo. 2000. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Castells, Manuel. 2007. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – Volume II. O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, Maria Emília da. 2005. *À procura da intimidade*. Porto: Edições Asa.
- Culler, Jonathan. 1999. *Teoria Literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais.
- Debus, Eliane Santana Dias. 2013. “A Literatura Angolana para a Infância”. *Educação e Realidade* 38 (4): 1129-45.
- Dortier, Jean-François. 2006. *Dicionário das Ciências Humanas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Dubar, Claude. 2006. *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Erikson, Erik. 1980. *Identity and the Life-Cycle*. New York: Norton.
- Feijó, António M. 2020. *O cânone*. Lisboa: Tinta da China.
- Fortes, Carolina Coelho. 2013. “O conceito de identidade: considerações sobre sua definição e aplicação ao estudo da História Medieval”. *Revista Mundo Antigo* 2 (4): 29-46.
- Giddens, Anthony. 2003. “Modernidade e identidade”. *Estudos de Sociologia* 9 (2): 119-22.
- Gonçalves, Zetho Cunha. 2017. *Noite vertical*. s/l: Língua Morta.
- Habermas, Jürgen. 2009. *Teoria da racionalidade e teoria da linguagem*, vol. II. Lisboa: Edições 70.
- Hall, Stuart. 2006. “Identidade cultural e diáspora”. *Comunicação e Cultura* 1: 21-35.

- Hamilton, Russel G. 1975. *Literatura africana, literatura necessária I – Angola*. Lisboa: Edições 70.
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. 1969. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epitome*, vol. II. Lisboa: Edições 70.
- Laranjeira, Pires. 1995. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moisés, Massaud. 1977. *A criação poética*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Moisés, Massaud. 2013. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix.
- Paz, Octávio. 2001. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano.
- Reis, Carlos. 2018. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina.
- Santos, Milton. 2006. *Natureza do espaço (técnica e tempo. Razão e emoção)*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Secco, Carmen Lucia Tindó. 2016. “Viagens por dentro do tempo e das palavras: um balanço poético e crítico dos 40 anos de independência de Angola”. *Abril* 8 (16): 213-24.
- Sen, Amartya. 2007. *Identidade e Violência*. Tradução de Maria José de La Fuente. Lisboa: Tinta da China.
- Silva, Elika da. 2022. “A caçada real de Zetho Cunha Gonçalves”. Em *Para dar a conhecer as literaturas africanas de língua portuguesa publicadas no Brasil: Resenhas, organização de Eliane Debus, Zâmbia Osório dos Santos, e Tatiana Valentin Mina Bernardes*, 46-48. Florianópolis: Cruz e Sousa.
- Souza, Larissa da Silva Lisboa. 2015. *Corpos ultrajados e suas representações em Crônicas de Ana Paula Tavares*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- Tavares, Paula. 2020. *Como veias finas na terra*. Alfragide: Caminho.
- Todorov, Tzvetan. 1982. *O discurso da poesia*. Tradução de Leocádia Reis e Carlos Reis. Coimbra: Almedina.
- Topa, Francisco. 2016. “Cruzando fronteiras: o javali e o porco”. *Forma breve* 14: 359-64 (Número especial *O conto: o cânone e as margens*). <https://doi.org/10.34624/fb.voi14.403>.
- Wieser, Doris. 2024a. “As solas dos meus pés não saíram nunca das quedas do rio Cutato: entrevista a Zetho Cunha Gonçalves”. *Portuguese Literary & Cultural Studies* 40/41: 25-40.
- Wieser, Doris. 2024b. “Só consigo escrever quando me relaciono com uma alma angolana: entrevista a Ana Paula Tavares”. *Portuguese Literary & Cultural Studies* 40/41: 11-24.

SALVADOR BONIFÁCIO DOMINGOS TITO é licenciado em Língua e Literaturas em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto; Mestre em Estudos Lusófonos pela Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, Mestre em Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas pelo Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho e doutorando em Literatura de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É investigador no Grupo de Recolha e Estudo de Corpus Oral do Português de Angola (GRECORPA), na Rede de Investigação Científica sobre Angola – Angola Research Network, e no Centro de Literatura Portuguesa da FLUC.